

uma significação de ordem geral: muitos pensam que a padronização possa se tornar um entrave para as relações comerciais dada a rigidez das suas determinações; tal porém não se dá quando existem órgãos de fiscalização e de controle atentos e com poderes bastantes para, em qualquer época,

reajustar as exigências das especificações às condições da indústria e do comércio.

O caso do papel Kraft, embora relativamente insignificante, serve para demonstrar que o Governo possui, nesse setor, uma orientação prática e objetiva. (E. L. B.)

## Terceira Reunião dos Laboratórios Nacionais de Ensaio de Materiais

Realizou-se de 23 a 29 de setembro do corrente ano a 3.<sup>a</sup> Reunião dos Laboratórios Nacionais de Ensaio de Materiais, anunciada no nosso número de agosto último.

Transcrevemos abaixo o programa e regimento das sessões e a relação dos trabalhos apresentados:

### TERCEIRA REUNIÃO DOS LABORATÓRIOS NACIONAIS DE ENSAIO DE MATERIAIS

#### Programa das Sessões

- 2.<sup>a</sup> feira — 23 de setembro — 16 horas — Sessão inaugural, presidida pelo Sr. Ministro Waldemar Falcão.
- 2.<sup>a</sup> feira — 23 de setembro — 17 h. e 30 m. — 1.<sup>a</sup> Sessão Plenária, para eleição da Mesa Geral e das Mesas das Comissões.
- 3.<sup>a</sup> feira — 24 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup>.
- 3.<sup>a</sup> feira — 24 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>.
- 4.<sup>a</sup> feira — 25 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, e 11.<sup>a</sup>.
- 4.<sup>a</sup> feira — 25 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>.
- 5.<sup>a</sup> feira — 26 de setembro — 9 horas — Reunião das Comissões 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup>.
- 5.<sup>a</sup> feira — 26 de setembro — 15 horas — Reunião das Comissões 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>.
- 6.<sup>a</sup> feira — 27 de setembro — De manhã — Excursões de estudo.
- 6.<sup>a</sup> feira — 27 de setembro — 17 horas — 2.<sup>a</sup> Sessão Plenária.
- Sábado — 28 de setembro — 9 horas — 3.<sup>a</sup> Sessão Plenária.
- Sábado — 28 de setembro — 15 horas — Sessão de encerramento. Instalação da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Nota — As Sessões Plenárias terão lugar no Salão Nobre da Associação Comercial (à rua da Candelária). As Sessões das Comissões se realizarão no Instituto Nacional de Tecnologia (à Av. Venezuela, 82).

#### Regimento das Sessões

- 1) — A 3.<sup>a</sup> Reunião dos Laboratórios terá sessões plenárias e sessões de Comissão.
- 2) — As Comissões serão em número de 12:
  - 1.<sup>a</sup> — Cimento
  - 2.<sup>a</sup> — Concreto
  - 3.<sup>a</sup> — Concreto armado
  - 4.<sup>a</sup> — Madeiras
  - 5.<sup>a</sup> — Metais
  - 6.<sup>a</sup> — Cerâmica
  - 7.<sup>a</sup> — Minérios
  - 8.<sup>a</sup> — Combustíveis
  - 9.<sup>a</sup> — Solos
  - 10.<sup>a</sup> — Material elétrico
  - 11.<sup>a</sup> — Metrologia
  - 12.<sup>a</sup> — Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- 3) — As sessões plenárias serão dirigidas por uma mesa geral eleita na 1.<sup>a</sup> Sessão e composta de 1 presidente, 3 primeiros vice-presidentes, 1 secretário geral e 1 primeiro secretário.
- 4) — Cada Comissão será dirigida por uma mesa, eleita na 1.<sup>a</sup> sessão plenária e composta de 1 presidente, 1 vice-presidente e 1 secretário.
- 5) — Cada Comissão terá um relator escolhido pela Comissão Organizadora, com uma antecedência mínima de 10 dias sobre a data do início da Reunião e que terá como função o estudo antecipado dos trabalhos, apresentados à Comissão.
- 6) — A Mesa geral terá um Relator geral escolhido previamente pela Comissão Organizadora e encarregado de coordenar o trabalho dos relatores das Comissões e de levá-los a conhecimento do plenário com seu parecer.
- 7) — Quer nas Comissões quer nas sessões plenárias as votações, além das que se referem às eleições das mesas, se limitarão exclusivamente à aprovação,

- emenda ou rejeição de normas (especificações, métodos de ensaio, normas de execução e de cálculo, tipos padrão) que tenham sido apresentadas à Comissão Organizadora com antecedência mínima de 15 dias sobre a data do início da Reunião. Quaisquer outras votações realizadas serão por si mesmas nulas e insubsistentes.
- 8) — Nas Comissões a discussão é livre a critério do Presidente e poderá abranger quaisquer assuntos incluídos na ordem do dia da Comissão. As emendas e modificações às normas propostas nas condições do item anterior só poderão ser discutidas quando apresentadas por escrito à Comissão em que o assunto deve ser tratado com a antecedência mínima de 24 horas.
- 9) — Nas Sessões Plenárias cada congressista poderá tomar a palavra no máximo 2 vezes sobre o relatório de cada Comissão; não podendo de cada vez falar mais de 5 minutos. No entanto a Presidência terá sempre o direito de restringir o tempo de discussão afim de permitir que se chegue a resultado. Os relatores poderão falar quantas vezes acharem necessário.
- 10) — Cada congressista, ao pedir a palavra, deverá declarar preliminarmente o seu nome (e o da entidade que representa, quando for o caso) afim de facilitar o trabalho de confecção das atas.
- 11) — As votações relativas à fundação proposta da Associação Brasileira de Normas Técnicas serão feitas de acôrdo com as regras estabelecidas nos itens 8, 9 e 10 desse regimento.
- 12) — Nas votações de normas (especificações, métodos de ensaio, normas de cálculo e execução e tipos padrão) só terão direito a voto as entidades. As decisões serão tomadas por maioria de 2/3 dos votantes.
- 7) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Observações relativas à determinação da expansibilidade na autoclave.
- 8) Paulo Sá, do I. N. T. — Duas notas relativas aos cimentos nacionais.
- 9) Paulo Sá, do I. N. T. — A especificação EB-1 para cimento e as tendências modernas.
- 10) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Observações relativas ao turbidímetro de Wagner.
- 11) F. J. Maffei e G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Contribuição para o estabelecimento de métodos de ensaio para as pozolanas.

#### 2.<sup>a</sup> Comissão — Concreto :

- 12) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Especificações para tubos de concreto.
- 13) Comissão — Método recomendado para ensaio de qualidade de agregados.
- 14) A. Hor Meyll, do Departamento Nacional de Portos — Consideração sobre normas para concreto em obras marítimas.
- 15) G. Molinari e Caio Ferraz Velloso, do I. P. T. de São Paulo — Estudo sobre a retração do concreto.

#### 3.<sup>a</sup> Comissão — Concreto armado :

- 16) Comissão especial — Normas para cálculo e execução de obras de concreto armado.
- 17) J. Burlamaqui, da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária — Sugestões sobre o projeto de Normas de Concreto Armado.
- 18) Escritório Saturnino de Brito — Sugestões sobre o projeto de normas.
- 19) Aderson Moreira da Rocha, A. A. Noronha, F. A. Basílio, L. Schimmelpfeng, Paulo Fragoço — Sugestões sobre o projeto de normas.
- 20) Azevedo Moura e Gertum — Sugestões sobre o projeto de normas.

#### 4.<sup>a</sup> Comissão — Madeiras :

- 21) F. A. Brotero, do I. P. T. de São Paulo — Aparelhagem mínima para estudo de madeiras.
- 22) A. Vieira, do I. P. T. de São Paulo — Ensaio de cisalhamento de madeiras.

#### 5.<sup>a</sup> Comissão — Metais :

- 23) Eros Orosco e Helena B. Orosco, do I. N. T. — Metalografia das ligas de alumínio.
- 24) Eros Orosco, do I. N. T. — Relação entre os números de dureza Rockwell e Brinell.
- 25) Eros Orosco, do I. N. T. — Ensaio de dureza pelo método de Brinell.
- 26) A. Pereira de Castro, do I. P. T. de São Paulo — Método de ensaio de dureza Brinell.
- 27) A. Pereira de Castro, do I. P. T. de São Paulo — Dados relativos à especificação EB-3 e aos métodos MB-4 e MB-5.

#### Trabalhos apresentados (até 10 de setembro)

##### 1.<sup>a</sup> Comissão — Cimento :

- 1) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Análise química do cimento portland.
- 2) Instituto Nacional de Tecnologia e Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo — Especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 3) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Dados relativos à aplicação da especificação EB-1.
- 4) G. Molinari, do I. P. T. de São Paulo — Contribuição para a fixação dos limites numa especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 5) M. Teixeira de Castro, da Cia. Brasileira de Cimento Portland — Contribuição para o estabelecimento de uma especificação para cimento de alta resistência inicial.
- 6) M. Teixeira de Castro, da Cia. Brasileira de Cimento Portland — Estudo experimental do ensaio de autoclave.

## 6.ª Comissão — Cerâmica :

- 28) F. Araújo Silva, do I. P. T. de São Paulo — Especificação para tubos cerâmicos vidrados.

## 7.ª Comissão — Minérios :

- 29) A. Furia, do Instituto Paulista de Química — Métodos de análises de minérios.  
30) C. E. Nabuco e L. Miguez de Melo, da Associação de Química do Brasil — Método para a determinação do níquel em minérios de níquel.

## 8.ª Comissão — Combustíveis :

- 31) Instituto Nacional de Tecnologia — Método para formação de amostras de carvão.  
32) Instituto Nacional de Tecnologia — Análise imediata do carvão.  
33) F. de Moura, da Associação de Química do Brasil — Análise química do carvão.  
34) F. de Moura, da Associação de Química do Brasil — Colheita e preparo de amostras de carvão.

## 9.ª Comissão — Solos :

- 35) Paulo Sá, do I. N. T. — O solo e sua estabilização.  
36) M. Brandi Pereira, da Inspetoria de Obras contra as Secas — Métodos de ensaios de solos.

- 37) Franklin Gross, do Departamento de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul — Ensaio de solos.

## 10.ª Comissão — Material elétrico :

- 38) L. G. Colangelo Nóbrega, da Escola Politécnica de São Paulo; A. Bresser Monteiro, da Prefeitura de São Paulo; O. Marcondes Ferraz, representante da Federação das Indústrias de São Paulo; E. F. de Fonseca Teles, representante da Associação Comercial de São Paulo; Guilherme Vilares, representante da São Paulo Tramway Light and Power — Ante-projeto de código de instalações elétricas.

- 39) M. Issler Vieira — Situação das instalações elétricas no Brasil.

## 12.ª Comissão — A. B. N. T.

- 40) Comissão especial (relator Paulo Sá) — Projeto de estatutos.

No próximo número faremos um comentário sobre os trabalhos apresentados e as conclusões a que chegaram as diferentes comissões.

Informamos, ainda, que foi fundada, em 23 do corrente mês, a Associação Brasileira de Normas Técnicas.

## MOVIMENTO DA PADRONIZAÇÃO NO ESTRANGEIRO

### BRITISH STANDARDS INSTITUTION

A gentileza do Secretário da Câmara de Comércio Britânica devemos o recebimento dos últimos folhetos relativos aos padrões publicados pelo órgão de padronização da indústria britânica.

Para algumas especificações o método clássico de distribuição aos interessados, produtores e consumidores, do projeto de revisão foi abandonado, dado o estado de guerra em que se acha o Reino Unido. Por isso, alguns folhetos trazem colada uma folha amarela de "*War Emergency Revision*", pela qual são postas de acordo com as condições do abastecimento atual do mercado britânico, as exigências anteriormente feitas para o padrão inglês do material especificado.

Essa revisão de guerra tende a dar, quasi sempre, maior elasticidade à qualidade do produto, sem prejuizo, naturalmente, do mínimo de eficiência necessária.

Isso nada tem de extraordinário, porquanto aqui mesmo, na indústria brasileira, já se tornou necessário realizar adaptações à situação atual de suprimento das matérias

primas importadas para a fabricação de papel, conforme o leitor poderá verificar em nota inserta em outro local.

### CABOS DE MANILHA PARA LISOS GERAIS

A especificação inglesa para cabos de manilha (*Manila Ropes for General Purposes*) data de 1931, tendo sido a de junho deste ano a primeira revisão feita. O estado de emergência da produção britânica alterou a cláusula 3 dessa especificação (*War emergency revision*) admitindo a mistura de sisal nas seguintes proporções :

Tipo 1 — "Special" — 73-77% em peso de fibra genuína e longa de manilha (*Musa textilis*), 27-23% em peso do sisal (*Agave sisalana*).

Tipos 2 e 3 — "Standard" e "Merchant" — 64-69% em peso de fibra genuína longa de manilha (*musa textilis*), 36-31% em peso de sisal (*Agave sisalana*).

Nenhuma outra mistura além da fibra de sisal será admitida, notifica a folha da "*War Emergency Revision*".